

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 DE ABRIL
DE 1951

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.001
ANO XLIV

BREVE HISTÓRIA

DO TEAR

E DO SEU INVENTOR

QUANDO vamos a um desses estabelecimentos comprar um tecido para os nossos vestidos, sabemos de antemão que encontraremos variedade tamanha de tecidos nas mais belas combinações de cores e de padrões e que só, excepcionalmente, não satisfaremos o nosso capricho, o gosto da nossa filha ou — não fica mal dizê-lo — a nossa própria vaidade.

Entretanto, nem de leve nos lembramos dos pioneiros da indústria do algodão e dos tecidos em geral, a quem devemos tanta facilidade de nos vestirmos ao bel-prazer, nem tampouco que, de modo único, aos seus esforços é que, hoje, a necessidade primária de nos defendermos dos rigores do clima se tornou nessa arte moderna, tão moldável quanto sujeita como nenhuma outra ao capricho feminino, que é a arte de vestir.

Nesta época de reivindicações é justo, que relembremos os precursores da indústria têxtil, aqueles denodados homens que, quase sempre, a melhoria da vida humana, muitas vezes com o risco da própria vida, do conforto moral e material, deram tudo que puderam da sua inteligência e do seu talento, abnegadamente, em prol do progresso geral.

É certo que, muitos deles, após as épocas de experiência, enriqueceram e se tornaram, justamente, grandes e queridos, como aconteceu a Richard Arkwright, o inventor do tear. Não será isso razão para nos prezarmos desses homens. Antes devemos enaltecê-los com a nossa admiração.

A leitora já conhece alguma fábrica de tecidos, já percorreu um desses estabelecimentos industriais, secção por secção, observando máquina por máquina, tais como o «batedor», com as suas esteiras corrediças, transformando o algodão grosseiro dos fardos em rolos de pasta mais ou menos espessa; a máquina de fardar que, por sua vez, modifica as pastas de algodão em flocos alongados; enfim, todas essas máquinas que vão, sucessivamente, transformando o algodão em cordões e em fios cada vez mais finos, denominadas «espidas», «maçaroqueiras», fiandeiras e a seguir, condicionando esses fios em carretéis e bobinas apropriadas — as madeiras, espuladeiras, encruzadeiras, urdideiras, gomadeiras e, por fim, o maravilhoso tear?

Pois se ainda não conhece, se nunca viu estas máquinas em funcionamento, engenhos esses maravilhosos que modificam o algodão bruto, pouco a pouco, de etapa a etapa, em fios, dispondo-os em rolos, gomando-os, tingindo-os de vários tons, combinando-os em vários padrões e, afinal, tecendo-os em diversas espessuras e formas, jamais poderá a leitora ter uma ideia do que foi o trabalho dos pioneiros dessa formidável indústria e o quanto de paciência e força de vontade lhes foi necessário para que, construindo os seus inventos, nos dessem as armas com que temos atingido tal progresso na arte de tecer, de modo a permitir-nos amoldar as fazendas ao nosso gosto, adaptando-os aos mais variados usos da vida actual.

Sugerimos, pois, à prezada leitora, fazer uma visita a uma desses estabelecimentos têxteis, a fim de que, como nós se encha de admiração por aqueles que contribuíram para o nosso bem-estar actual. Falaremos, agora, de Richard

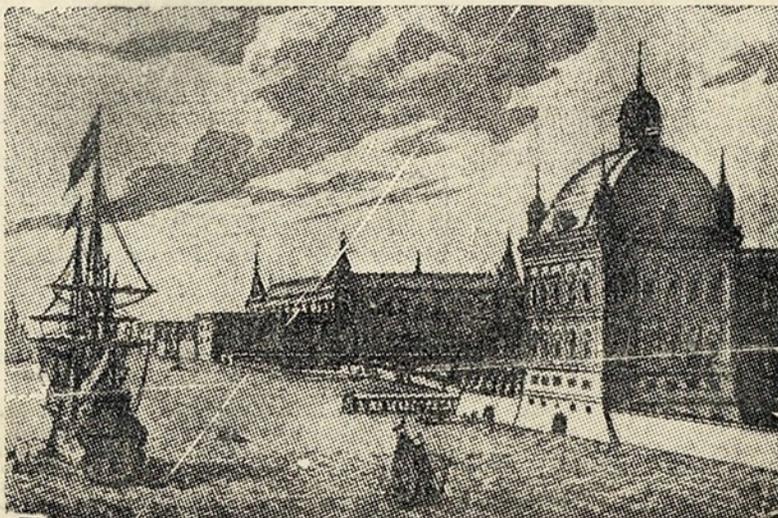
Arkwright, o inventor do tear, como já dissemos. Nasceu na cidade de Preston, no condado de Lancashire (Inglaterra), em 1732, numa época de transição social, quando em toda a cabeça referia uma ideia nova. Filho de família muito pobre, não pôde aprender a ler como os jovens de categoria económica superior. Cresceu quase sem saber ler nem escrever e, em lugar de frequentar as escolas, logo cedo se viu obrigado a aprender o ofício de cabeleireiro, para se sustentar.

Dai se transformou em negociante ambulante — vendedor de cabeleiras, daquelas respeitáveis cabeleiras em voga no século XVIII — negócio em que, segundo consta, logrou alcançar lucros mais ou menos compensadores, não, entretanto, capazes de satisfazer ao nosso Arkwright, aventureiro, ambicioso e empreendedor.

A época era própria para aventuras e económicas, entre as quais ca — andava-se à procura do moto-contínuo... — e, entre outras, várias tentativas já haviam sido feitas para a invenção de uma máquina de tecer, todas, porém, fracassadas ou de resultados que não satisfaziam às exigências práticas e económicas, entre as quais, a de Paulo Lewis, trinta anos antes, e a de Tomás Highs.

Arkwright resolveu — certamente procurando um meio de despertar financeiro — também tentar descobrir a máquina de tecer. Enfocado já nas coisas da mecânica, — quanto já se deixara levar, porém, anteriormente, pelas pesquisas em busca do moto-contínuo, não foi difícil a Richard Arkwright fazer a transição dos seus trabalhos. E bons signos o induziram

RECORDANDO...



Os Paços da Ribeira, no Século XVII

A mulher, o homem e os alimentos

AFIRMA-SE que, em média, a mulher come uma quinta parte menos do que o homem. Bernard Shaw dizia que «na carne, obtemos um alimento em segunda mão». O animal é que primeiro aproveita as vitaminas da pastagem. No peixe, entretanto, há toda a riqueza do mar. Os que comem muita fruta possuem génio afável e boa disposição, visto o seu alimento constar amplamente de luz de sol concentrada. Já as pessoas que comem usualmente alimentos picantes são irritáveis e implicantes.

Devemos convencer-nos de que duas boas refeições por dia é quanto basta para nos sustentarmos.

Um homem de cinquenta anos terá consumido durante a vida vinte e cinco toneladas de alimento. Um grande comedor, pela sua parte, comerá de cinquenta a sessenta toneladas!

Porém, o primeiro, arrisca-se menos a uma indigestão ou outras quaisquer perturbações graves, que de um momento para o outro poderão atacar o segundo...

Como nação os romanos foram os maiores gluttons, fazendo da intemperança um passatempo. Uma das causas da queda do Império romano teria sido exactamente a leucura gluttona do seu povo.

«Babaçu»

BABUÇU é um vegetal que cresce no Brasil, constituindo uma das suas maiores riquezas. Foi descoberto e utilizado, para fins industriais, durante a Grande Guerra de 1914-1918. Porém, logo no período

do momento que tomou essa deliberação.

Dedicou-se com tanta assiduidade às suas experiências, que desprezou o negócio de vendedor de cabeleiras, gastando todas as economias. Por essa época já era casado e a esposa não simpatizava com as experiências do marido, que roubavam o conforto do lar e dos filhos. E um dia, impaciente, quando as experiências de Arkwright já iam bem adiantadas, destruiu todos os modelos das máquinas e respectivos planos, causando tão profundo desgosto ao marido que este a abandonou, dedicando-se, então, com renovado ardor, às suas pesquisas.

Associou-se a um amigo de nome Kay, que era relojoeiro, afeito, já, ao manuseio de aparelhos delicados, tais como os planejados por Arkwright. Com esse auxílio, dentro de pouco tempo, pôde exportar na cidade de Preston, um dos modelos do seu tear, causando com isso sérios descontentamentos à massa operária, que via noque a invenção o fim do seu ganha-pão e um latente perigo para o bem-estar das suas famílias.

Com as suas vidas ameaçadas pela turba, Arkwright e o seu auxiliar Kay viram-se constrangidos a fugir, passando a residir na cidade de Nottingham, onde com o apoio financeiro dos banqueiros e industriais da zona e, ainda, de Strutt — descobridor de uma máquina de fazer meias — viu abrir-se a porta para o êxito.

A patente do seu tear foi concedida no mesmo ano em que James Watt, mecânico escocês, registou a sua máquina a vapor de efeito duplo, em 1779. Desde aí começou a progressiva vida de Richard Arkwright como fabricante e industrial. Estabeleceu-se uma fábrica de tecidos movida a cavalos e, pouco depois, uma outra movida por



VARIEDADES



da paz que se lhe seguiu, foi empregado no fabrico da margarina, ou seja, da manteiga vegetal. Ultimamente, na guerra mundial, teve grande importância, verificando-se a excelência extraordinária do seu óleo, que serve não somente para alimentar o homem, como também para lubrificar as máquinas que não são humanas.

O babaçu tem uma percentagem de 60 por cento de óleo fino. Nos Estados Unidos, é muito empregado no fabrico do sabão em substituição do óleo de coco, com o qual bastante se assemelha. O que o sabão representa na vida americana pode calcular-se sabendo-se que, dos dez bilhões de libras, peso de gordura, usadas anualmente pela indústria americana, 20 por cento se destinam ao fabrico de artigos saponíferos. O babaçu, entretanto, tem outras aplicações na indústria de guerra, sendo a sua mais importante utilização na manufatura do vidro à prova de bala, tão necessário aos tanques e, sobretudo, aos aeroplanos de bombardeio e caça.

O óleo de babaçu emprega-se ainda como lubrificante leve, no que é superior ao óleo de semente de algodão, pois não ataca o bronze.

Comendo abelhas vivas...

VEIO há tempos a notícia publicada nos jornais norte-americanos... William Ward, natural da cidade de La Grange, no estado da Geórgia, possui a estranha particularidade de comer abelhas vivas! Confessou que aprendeu esta façanha num circo que

há anos passou por La Grange, sendo ele, então, possuidor de algumas colmeias. Um dos homens do circo, que atraía muito público, comia punhados de abelhas sem sofrer picadas. No primeiro dia em que foi vê-lo, Ward ficou fascinado. Depois procurou o artista, pedindo-lhe que lhe ensinasse o truque.

Comprometeu-se este a ensiná-lo mediante as seguintes condições: cinco dólares de entrada; comprar um bilhete para o circo, todos os dias, e abastecê-lo de abelhas enquanto o circo ali permanesse. Ward tudo aceitou e nessa mesma noite ficou senhor do segredo impressionante.

Pouco tempo depois o artista do circo morreu em consequência de uma intoxicação produzida pela decomposição das asas das abelhas que se lhe tinham acumulado no estomago. A partir desse momento, Ward ficou sendo a única pessoa conhecedora do segredo de comer abelhas vivas. Nunca quis apresentar-se em circos, mas exibia-se particularmente, ganhando muito dinheiro. Com esse ganho e já velho, resolveu comprar uma herdade e uma bomba de gasolina num cruzamento de estradas que conduzem a La Grange. Diz-se que ainda hoje come as suas abelhas vivas e recebe propostas para dar ingresso em categorizadas companhias...

Somos filhos das árvores?

NA antiga Grécia e em Roma era popular a crença do nosso íntimo parentesco com as árvores. No «Canto dos Eddas», o poema da mitologia escandinava, afirma-se que a raça humana nasceu do carvalho e do freixo... Na «Eneida» de Vergílio e nas sátiras de Juvenal, encontram-se também com frequência, referências acerca desse nosso estranho parentesco. Algumas famílias gregas pretendiam mesmo ser descendentes de árvores especiais. A família Telopidas, por exemplo, tinha nascido do plátano, e a de Foroneos, do freixo. Noutras regiões do Mundo, esta crença, porém, está ligada às árvores mais apreciadas na região. Assim, alguns indígenas das ilhas Filipinas creem que a humanidade nasceu de uma comprida cana com dois nós; de um dos nós, saiu a mulher, e, do outro, o homem. Entre os tamanáguas da América do Sul existe uma tradição, segundo a qual, foi a palmeira a primeira mãe da raça humana!

Lendo hoje a história e a literatura das antigas nações civilizadas, temos de chegar à conclusão de que somos, realmente, filhos das árvores...

Leiam todas as 6.^{as} feiras

VIDA MUNDIAL

O grande semanário dos acontecimentos internacionais

"ASPAS & Sublinhados"

DE RODRIGO DE MELO

ASSIM SEJA...

EMBIRRO tanto com «relacionar-me», na burguesa e mundana acepção, — como sinto em mim, valente e capaz de todas as brigas consequentes para ripostar ao desconcerto dos aivejados, — a *volúpia de cortar relações*.

Menos por ofendido do que por nauseado de desinteresse, prefiro mendigar a receber retribuições «de cima para baixo», de carnavalescos donos ou gestores (bem «relacionados», eles, olhem lá se não...!) de campos onde a minha única vocação apaixonada, o meu afinco e a minha cultura, — pouca ou muita, mas buscada sem férias — poderiam e deveriam (fosse eu o *urso social* que fosse!) achar o prêmio da raridade, num ambiente de frívolos almanaqueiros, com tenorices locutoras, ínfimas obsessões de modernismo fiteiro, e canetas com pires por tinteiros ou depósitos... Mas parece que quem não se sentir dentista nem confeiteiro, «baterista» mal dissonante de Los Angeles, nem rouxinolito com palinço às ordens para apitar sempre as mesmas tretas, — tem de formar-se (ou deformar-se), para auferir proventos e monopolizar «louros», ainda que estes não passem de *papagaios*, — em arrieiro de trocadilhos, quando não declamador de berratas por dá cá aquela palha e seja lá onde for.

Se nem para tais prendas lograr opção, — é por-se aos «vivas!», sem ninguém o contrariar de «morras!», ou por-se aos «morras!», sem ninguém lhe contestar «vivas!», porque quem berra é que provoca ecos e logo se pergunta de quem serão as bellissimas goelas, para se lhes pagar cultivo, promovendo-as a «gargantas!»... Desafinar, mesmo com fundamento na verdade insofismável das pautas, — é que não vale! Cante um como todos e cantem todos como um, porque assim deve ser, sossegadora e perenemente, para os retro-mencionados rouxinolitos e vários abelharucos, quando não cuocos sem ninho próprio antes de tão férteis habilidades.

«Una voce poco fa»... como vocaliza a Rosina de «O Barbeiro», — se «una voce» não quiser aludir, ou a solistas encarrapitados ou a coral mercenário, sem mesclas de timbres: ou todos sopranitos, ou todos tenorinos, ou todos baritonos, — ou todos em baixo! — *Contralto*, alguém?! — Deus o livre!...

Ora, veio esta cantata à colacção, por eu me suspeitar quase condenado à agonia, por pouco ouvido e nenhum respeito fanático por batutas — já mais tediosas do que as «relas» armadas nas figueiras da minha aldeia, para os pardais não pousarem; mais isentas, sempre, de *Rasgos* e *Arte* do que os metrónomos... ou os limpa-vidros dos automóveis.

Nunca entendi o empenho cominatório em acabarem-nos, a mim e a outros pelantras contemplativos, (Homens-de-Letras, Críticos-de-Arte, etc.: «quantité négligeable», segundo, dia a dia, nos é demonstrado, por desgraça) com a nossa riqueza única: a apatia diante de anjos de santeiro, balancetes sem rasuras, relojoeiros pré-fabricadas... coisas que será bom haver, mas não me interessam nada, cuidava eu que no uso do mesmo direito causador de sempre a Física, a Culinária, a Geometria, o «Tricot», o Direito Fiscal, a Mar-

conaria, desdenhar a Aviação ou a Criação de Coelhos... Exigirem-me (falando de mim, não esqueço os meus pelantras Irmãos em Indiferença!) que me entusiasme com o bom-senso ou a razão a horas (o que se sublinha para aviso tácito aos que a aval'em de mesquinha, — nanja eu, que, graças ao diabo, uso sempre fastio) — é, medonhamente, roubaram-me tempo para a delícia de admirar o que, do coração, me deslumbra — e não são bem, livros de guarda-livros, nem pregaçãoes de prudência, nem convicções de infabilidade com capa (cinzenta; tudo pardo!) de empirismos modestos, onde pingam nódoas de ironias como pinga a cera dos brandões mortuários: cheia de fedor, embora piedoso e propendente à redenção das alminhas, pela decoração fúnebre, à base de morrões e olvidada de flores...

Raríssimas impaciências sofreiro pior do que a de ver vir direito à mesa onde me cantonei, no mais escuso e escuro Café, um verboso qualquer, com cara de «surpresa gostosa», a estranhar, já de longe, a caladinha ventura de Sossego que eu demandava àquele sítio arredado e ali estava gozando, antes da invasão da banalidade desordeira, risonha e... salvadora, ao que ela julga.

E, quando ainda lograva optimismo para projectos, muito a sério projectei transportar sempre comigo uma bandeirinha, não carmim, evidentemente, (mas parda — cor de tédio — também não) para enfiar na garrafa, ou espetar no açúcar, ou, de qualquer modo, evidenciar, na minha mesa, com enormes letras pintadas ou bordadas, — **QUE EU ESTAVA SÓ, POR GOSTAR MUITO DE ESTAR SÓ — E NÃO SABER ISSO PROIBIDO; e que GOSTO MUITO DE NÃO FALAR, PELO MENOS COM IDIOMAS «DENTÍFRICOS» E PRIMÁRIOS!**

Nunca cheguei a pôr isto em prática!... Nem isto, nem a maior e melhor parte dos meus bons propósitos... E, já agora, reservo o «realizar-me» para um estágio que tenho em vista e à vista, num sítio calmo, relativamente arranjadito, com pedras planas, cruzeirinhos toscos, ervas gordinhas da seiva, camélias no pino do Inverno... (Não, senhores; não há lá ciprestes: há acácias-mimosas, do lado de fora do portão...) — Espero que LÁ não vão embirrar comigo, com a minha *frieza*, com a minha mingua de entusiasmos ante paladinos e auréolas, que não apodrecerão menos nem apanharão menos verdade do que eu e as grades que me guardarem, mas não o farão, se Deus quiser, perto de mim, no tal JARDIM que tenho em vista... e à vista. — «AMEN».



HOLLYWOOD — William Wellman, um dos mais brilhantes realizadores da Cinelândia, procede aos preparativos de rodagem de um filme intitulado «Westward, the Women». A sequência do entrecho que foi escrita há cinco anos, é da autoria do famoso realizador Frank Capra.

MADRID — Mariano Pombo emprender a rodagem da sua segunda película, com o título «Cerca del Cielo». O argumento escrito por Pamplona e Vassallo narra a história do bispo de Teruel, monsenhor Polanco, que foi assassinado pelos vermelhos, durante a guerra civil espanhola. Principais intérpretes: o padre Venâncio Marcos, Patricia Moran, Gustavo Rojo e José Maria Seoane.

PARIS — Marcel Carné foi escolhido para assumir a direcção dos trabalhos de rodagem de «Teresa Raquin» segundo a famosa obra, com o mesmo título, de Zola. Sobre a mesma obra o falecido realizador Jacques Feyder produziu uma versão, nos tempos do cinema mudo, que ficou assinalada como um dos grandes clássicos da arte das imagens e no qual Gina Manes realizou uma criação que ficou memorável.

MÉXICO — Entrou em preparação um filme intitulado «Monte de Piedad», cuja acção, desenrolando oito histórias diferentes, promete recordar, pelo seu estilo, a célebre película francesa «Carnet de Baile». No desempenho intervêm, sob a direcção de René Cardona Miroslava, Armando Calvo, Carmen Montejón, Carlos Lopez, Moctezuma, Moctezuma, Nora Verjan Tito Iunco, Emilia Guiú, Jorge Mistral e Roberto Cobo.

OS QUE MELHOR VESTEM EM HOLLYWOOD

LORETTA Young, muitas vezes citada como a mais elegante vedeta do cinema americano revelou a um jornalista quais são, em sua opinião, os dez homens que melhor vestem na Cinelândia. O primeiro lugar é atribuído a Van Johnson, que «manifesta sempre a sensação de nunca se preocupar com o vinco das calças». A seguir indica: Ray Milland, William Boyd, Ezio Finza, Robert Taylor, Joseph Cotten, Ricardo Montalban, Robert Mitchum e Barry Sullivan, que «usam fatos segundo um corte pouco corrente». Tyrone Power, que se move com grande desenvoltura, veste-se sempre com elegância quer para dar um passeio ou para jogar uma partida de «golf».

RITA VOLTA AOS ESTUDIOS

RITA Hayworth, vai regressar à actividade dos estúdios. Segundo um telegrama de Hollywood, a formosa princesa será a intérprete da nova versão de uma película que obteve um êxito considerável no seu tempo: «Os homens preferem as ruínas».

Todas as quartas-feiras
Modas & Bordados
a melhor revista feminina
PREÇO 2\$00

QUANDO SE FARÁ O TUNEL SOB A MANCHA?

O projecto do tunel sob a Mancha já pertence à classe dos assuntos periódicos. De anos a anos, fala-se dele.

Alguns dizem: «Um tunel... para quê? Se há tantos séculos se atravessa a Mancha de barco — para que mudar?» São os velhos que falam assim.

A juventude inflama-se com a ideia de realizar o projecto.

A estas duas opiniões contrárias, juntemos a opinião especificamente inglesa, expressa pela voz de alguns deputados:

— Um tunel sob a Mancha é o fim da insularidade da Grã-Bretanha.

Perante estas três opiniões igualmente excessivas, vejamos a realidade geografia, histórica, económica, política e técnica.

Para os que não conhecem o nome de Gladstone, recordemos que foi várias vezes, primeiro ministro de S. M. britânica no fim do século passado. Esse eminente político, de ideias largas e clarividentes, intervinha tão intensamente e tão apropósito em todas as questões debatidas nos comuns, que os deputados habituaram-se a reservar-lhe uma espécie de opção moral sobre todas as suas iniciativas.

Assim, quando um representante do povo tomava a palavra, deixava ao ministro o campo livre para uma réplica, terminando por esta pergunta — que coloca o debate político em um terreno de admirável cortezia: — Que pensa sobre isto o sr. Gladstone?

E o sr. Gladstone respondia. Este prestígio conferia às causas defendidas pelo ministro um valor particular. E quando Gladstone se entusiasmou pelo projecto do tunel sob a Mancha, compreendeu-se que ia ter à sua volta uma falange de partidários.

As coisas foram tão longe que se começou a perfurar um tunel-guia que, partindo das Falésias de Shakespeare, perto de Dover, avançou até quase uma milha da costa britânica. Gladstone foi inaugurar a obra — de onde devia sair a mais considerável realização técnica de todos os tempos.

Isto foi em 1880. Existem vestígios tangíveis desta iniciativa, pois ainda hoje o Estado inglês paga a um certo Charlie Gatehouse (nome predestinado que se pode traduzir por «casa de entrada») que tem 88 anos, vive no mesmo local há 70 anos e vigia a entrada do tunel perfurado há três quartos de século...

A réplica europeia

Quando se fala aos franceses no isolacionismo britânico, ouvem-se sempre palavras muito duras acerca de Londres.

Se evocamos os argumentos ingleses contra uma ligação subterrânea e submarina com o continente, os franceses sorriem-se divertidos, e respondem que a famosa insularidade britânica é caso super-arrumado — há mais de dois séculos! Com efeito, esse famoso isolamento — que nada tem realmente de esplêndido — sofreu o seu primeiro grande cheque em 1785, quando dois aeronautas atravessaram a Mancha em balão.

Era um caso de sorte, evidentemente, mas Londres não quis ver nele uma antecipação do que esperava as ilhas britânicas.

Quando Napoleão falou em invadir a Inglaterra atribuiu-se-lhe a intenção de abrir um tunel sob a Mancha, para coordenar a ofen-

siva naval e terrestre e levar a sua artilharia ao território inglês. Os jornais ingleses da época imaginaram desenhos sugestivos onde se via, através dos cortes do terreno, forças armadas no fundo do mar, avançando em filas compactas para a terra britânica...

Emfim, com a aviação o isolamento não é verdadeiramente senão terrestre.

Os franceses, que não tem os motivos dos ingleses para se oporem ao projecto, contam com campeões daquela grande ideia. Um deles, André Basdevant (de 41 anos) espera realizá-la com o concurso de outros e o apoio de varios governos.

Mas não antecipemos e reportemo-nos ainda aos acontecimentos de há três quartos de século.

O que então se passou ser-nos-á contado por madame Debruyne, de 90 anos, que tem um pequeno café em Sangatte, perto de Calais.

Com admirável lucidez esta anciã lembra-se ainda da efervescência que houve na região em 1880. Seu filho, Elysée Debruyne, de 67 anos, é o guarda da entrada continental do tunel-guia que foi então começado e deveria encontrar-se com o que está hoje à guarda do pai Gatehouse.

Durante a ocupação, os alemães resolveram fazer ali um cemitério militar. Mas não passou de projecto... como o tunel que se abre mesmo ao lado da ex-futura necrópole.

O projecto actual e os seus campeões

A ideia tanto tempo afagada entrou em fase nova e intensa. Os parlamentos francês e britânico vão ter de se pronunciar sobre a oportunidade da sua realização.

Os ingleses consideram que este projecto é um dos poucos pontos essenciais da política britânica sobre o qual se pode chegar a acôrdo entre trabalhistas e conservadores.

Como era de esperar, Winston Churchill não é indiferente ao projecto — que, como europeu convicto, defende com todas as forças. Um «Channel Tunnel Committee» já está formado no Parlamento britânico, sob a presidência do sr. Christopher Shawcross, e já conta com os sufrágios de 225 deputados — dos 448 que tem o augusto Parlamento.

As estações governamentais francesas querem também, pronunciar-se. Os homens do tunel, em França, são Denvers, deputado socialista; Joseph Laniel, deputado do Calvados, e Paul Reynard, No Conselho da República o projecto é defendido por Montier, que preside ao grupo inter-parlamentar para o tunel sob a Mancha — um título extenso e desgracioso, mas que atesta, no entanto, que se passa qualquer coisa. O Conselho superior dos transportes, decla-

rou-se partidário do projecto, pela voz de Beauquier presidente do comité desse conselho. Enfim, o sr. Pineau, ministro das Obras Públicas não deixa de afirmar:

— Todos os francezes desejam a construção do tunel sob a Mancha.

Se o projecto de Basdevant for adoptado — o que parece muito provável — a realização não apresentará exactamente as características previstas no fim do século passado. Com efeito, o tunel

enquanto em estudo ligará Marne e não Calais a Dover, como se previa outrora). Terá 48 quilómetros e 250 metros de comprimento — sendo assim o maior do mundo — dos quais 35 quilómetros serão de baixo do mar.

O tunel Marquise-Folkestone passará a uma profundidade que vai de 110 a 130 metros abaixo do nível do mar. Num ponto, situado abaixo do banco de Varne, estenderá apenas 60 metros abaixo do nível da água. Em suma, o seu perfil terá a forma de um gigantesco W. Nos dois pontos mais baixos, um dispositivo permite inundar o tunel, em caso de necessidade, na extensão de 6 quilómetros.

São necessários dois anos e meio a 1.000 ou 1.200 operários para realizar esta obra admirável de engenharia civil, que custará um bilião de francos suíços.

A secção do tunel terá a forma oval, que é a mais favorável para resistir às pressões e permitirá a passagem de duas galerias de arejamento, de uma linha férrea dupla e de uma pista triplíce, com um piso para «ida», outro para «volta», e, no meio, o espaço para os automobilistas com avaria e a policia do tunel. A iluminação incidirá sobre o pavimento e não dará aos viajantes a sensação de estarem num tunel, mas a de que viajam de noite.

Calcula-se que 15.000 veículos poderão passar em cada 24 horas, o que dá a média de um carro por 15 segundos. Em caso de guerra, o tunel permitiria a passagem de 12 divisões em 24 horas. Em cada extremidade, máquinas potentíssimas assegurarão a ventilação, insuflando um milhão de metros cúbicos de ar por dia. Para maior segurança, esse ar será misturado com ozono, na proporção de 5 por 1.000, o que combaterá a percentagem de 4 por cento de oxido de carbono. Quanto à linha férrea, que passará sob a «calçada», não apresenta dificuldade maior. A tracção eléctrica não apresenta problema complicado. Isto lembra aos que conhecem o assunto que em 1840-50, um engenheiro francês, Hector Moreau, renunciou a prosseguir um projecto idêntico pela impossibilidade de evacuar o fumo das locomotivas!

Teria sido necessário construir gigantescas torres de arejamento acima do nível do mar — as quais, inestéticas e dispendiosas, não bastariam para esse efeito...

Os únicos transeuntes da estrada que ficam «roubados» por este projecto, são os ciclistas, que não terão o direito de circular pelo futuro tunel.

Assim serão por certo os únicos a lamentar a realização de um projecto que gerações acarinhavam em vão e que a nossa tem muitas probabilidades de ver nos anos próximos.

ASAS...

Uma crónica por: CARMEN DE FIGUEIREDO

PARA todos os camaradas e amigos, a alma daquele aviador era um mundo fechado. Devia, entretanto, existir um mistério bem acirante na vida de Juvenal de Castro.

Mas, esse mistério guardava-o ele ficsamente, era nuvem tão alta, que jámais asas de aço poderiam tocá-la. E só quando se isolava, longe, num penhasco da Arrábida, onde muitas vezes ia, o aviador, de olhos amortecidos fixos num ponto minúsculo que só ele via, recordava, num recordar de serena angústia, toda a exaltação de suas horas passadas — as horas febris e vermelhas de luxúrias exquísitas que tinham dado um rumo diferente à sua vida, e, só ele vivera, de nervos algemados, bem no amago da sua alma feita de lume.

Recordava, sim... «As ondas desfaziam-se sobre a praia, numa carícia vaga e branda, deixando escapar murmúrios indistintos, que antes pareciam lamentos tristes...»

Juvenal recordava... «Ela era insinuante, de feições singulares e olhos sempre semi-cerrados... Conhecera-a numa festa mundana, de beneficência, onde adregara ir acompanhando um amigo já lançado na vida — diplomata brilhante de larga carreira. Lilitana Sara era a grande poetisa do momento. Tinha na voz estranhas modulações, e, em seus gestos quebrados uma promessa eternamente renovada. Juvenal foi-lhe apresentado. Olhando-a adorou-a. Adorou e desejou sobretudo o recorte violento da sensual boca dela, e, também, a linha forte do voluntarioso nariz. Prendeu-o a carne, se bem que fosse o espirito a aproximá-lo da poetisa audaciosa que em seus poemas feitos de sangue e lágrimas, contava histórias de amor e febre, vividas em catedrais de sublimes contornos, com refulgências pagãs no ouro fulvo das molduras do sonho.

Deu-se àquele amor com toda a intensidade dos seus vinte e cinco anos. Semanas após, Juvenal não hesitou. E, numa longa carta, gritou a Lilitana a inquietação em que vivia. Agarrada ainda — e sabe-se lá porquê! — a velhos preconceitos, a poetisa respondeu que era preciso que ele chegasse até ela pelo estudo e sua posição na vida.

Falaram-se. E ela confidenciou, ao louco vagabundo apaixonado, qua o seu desejo era vê-lo aviador! Juvenal de Castro não hesitou. Estudando com afinco, tendo sempre presente a imagem de Lilitana, em poucos anos alcançou o que ela pretendia. Já aviador decidiu-se a um «raid» assombroso só para deslumbrá-la. A poetisa continuava cantando «mágoa e anseios, paixões e renúncias. Eram rendas fulgurantes suas cartas de amor. E Juvenal visionava mundos de ternura, na ponta rosada dos esgutos dedos de Lilitana. Trocavam-se cartas, trocavam-se flores — partículas da alma, perfume dos sentidos... O tempo esbagoava-se lento. Um dia partiu ele, em missão de serviço. Tinha satisfeito o desejo dela; guindara-se por si, estudara, era enfim o que Lilitana desejara: aviador!

Partiu, e por lá ficou, semanas. Estava quase a realizar-se o seu grande sonho. Lilitana Sara seria dele. E bem mais altas subiam as asas do seu pensamento do que as refulgentes asas do avião que era brinquedo em suas mãos longas e morenas.

Asas... Foram as asas do amor que o tinham levado a voar... Asas... Querer prender aquela nuvem alta, muito alta, de um azul transparente de água-marinha... Asas... As suas asas de ouro que iam longe ouvir a música do vento...

Asas... Subir mais alto que uma estrela só por amor de Lilitana Sara, a que sabia dar forma ao pensamento, esculpindo poemas que nunca ninguém sonhara... E o aviador partira...

Ao regressar, porém correndo ao seu quarto, encontrou uma presença que no primeiro momento o galvanizou de entusiasmo para logo o deixar socumbido, trágico no seu espanto doloroso, sombrio pelo choque imprevisto e brutal.

Sobre a sua pequena mesa de trabalho estava um molho de cravos sangrentos, inda belos. Eram os cravos a flôr preferida de Lilitana. Junto deles, uma folha aberta. Um adeus feito num beijo, o último grande poema da mulher que soubera dar vibração, intensidade e o ardor de todas as gamas da paixão, às imagens sublimes dos seus poemas.

Asas... Tinham subido tão alto as suas asas!... Lilitana Sara morrera. Cerrara mais seus olhos estranhos, por um entardecer alaranjado e belo, à hora serena e mística dos trágicos abandonos da renúncia extrema.

Fora na véspera... Juvenal chorou sobre as bocas sensualíssimas, daqueles cravos que tinham vindo dela. Mas ninguém viu as suas lágrimas. E foi desde esse dia — tão longe agora no tempo e na distância! — que Juvenal de Castro passou a ser, para todos os camaradas, um ser bisonho, de alma fechada, onde devia existir um mistério que não podiam penetrar.

Asas... dera-lhas ela, a mulher de feições singulares e alma complicada, que o fizera subir até ela, para o abandonar no espaço... «Gostava de estar assim horas e horas, a recordar, ali na solidão imensa da Arrábida... «a ver esbaterem-se, nas águas límpidas do mar, os últimos reflexos de luz...»

A brisa fugitiva-se o rosto empalidecido. E ele, absorto, acreditava que estava ainda ouvindo a voz dela, dizendo o seu poema naquela tarde bonita da festa mundana onde a conhecera...

CINEMA

Eterno brincalhão...

DANNY KAYE

Fez nma aposta para se divertir...

TERMINADA a rodagem da fantasia musical «Riviera», Danny Kaye decidiu divertir-se à sua maneira. Um encontro com Claudette Colbert sugere-lhe esta ideia: fazer uma aposta com um grupo de amigos em como um e outro seriam citados nas primeiras páginas dos grandes rotativos, como protagonistas de um romance de amor que os jornalistas haviam de descrever com toda a sua exuberante imaginação. A aposta foi aceite. Durante duas noites, Danny e Claudette saíram juntos. Frequentaram os mais elegantes restaurantes, dansaram até altas horas, trocaram frases amorosas num tom que todos ouviram e, quando se convenceram de que o rastilho estava a arder, resolveram aguardar os efeitos da bomba que ambos tinham arremessado para o meio dos jornalistas. Estes, vigiando-os, e dando crédito às suas «combinadas confidências», acabaram por acreditar no que viam. Nunca lhes passou pela cabeça que estavam a ser vítimas de uma cilada. No segundo dia, termo do prazo da aposta, os jornais revelavam na primeira página, em grandes títulos, que «Danny Kaye e Claudette Colbert estavam a um passo do altar». O efeito da bomba foi verdadeiramente sensacional, pois tanto a esposa de Danny, como o marido de Claudette, foram colhidos de surpresa. No dia seguinte, um desmentido repôs as coisas no seu lugar e os dois artistas ganharam, elegantemente, a aposta. Em realidade, isto só podia acontecer em Hollywood!

Divorciada... com um filho... sem dinheiro...

DORIS DAY

Passou fome antes de conhecer a celebridade

DORIS Day é um dos novos talentos do cinema americano. Pertence ao elenco de Warner Bros. em cujos estúdios interpretou os seguintes filmes: «Tea For Two», «The West Point Story» e «Lullaby of Broadway». Graças a estas três obras, o seu nome, hoje, brilha, em grandes letras luminosas, nas fachadas dos grandes cinemas da América. E, no entanto, há pouco menos de três anos, Doris era uma pobre rapariga, que passava fome, quando actuava como vocalista, em orquestras de baixa categoria, para ganhar o pão para seu filho. Quantos dias amargos não conheceu, e quantas noites sem dormir, só de pensar que no dia seguinte não tinha com que alimentar o filho! Doris, porém, lutou e venceu. Viajou. Esteve na Argentina, no Uruguai, Chile, Brasil, México. Então, usava o nome de Doris Koppelhoff. Quando chegou a Hollywood e lhe dirigiram o primeiro convite para intervir num filme, impuseram-lhe, como condição, substituir o apelido por este Doris.

Hoje, não tem que recear o futuro. A sorte bafejou-a. A sua voz deu-lhe fama. Agora, ganha o que quer.

A ACADEMIA BRITANICA VOTOU OS MELHORES FILMES DE 1950

A Academia Cinematográfica Britânica, que foi fundada pelos produtores ingleses, há cinco anos, para estimular trabalhos de categoria excepcional e encorajar pesquisas e experiências em todos os ramos da indústria, classificou o

filme americano «All About Eve» o melhor exibido em 1950 e premiou Tyrone Power, seu protagonista, em nome da «20th Century Fox». O prémio foi-lhe entregue pelo vice-almirante conde Mountbatten.

Outra película americana, intitulada «Intruder in the Dust», obteve o prémio das Nações Unidas para a melhor obra que corporize um ou mais dos princípios da carta das Nações Unidas.

O Prémio Especial foi atribuído à produção inglesa «The True Face of Japan».

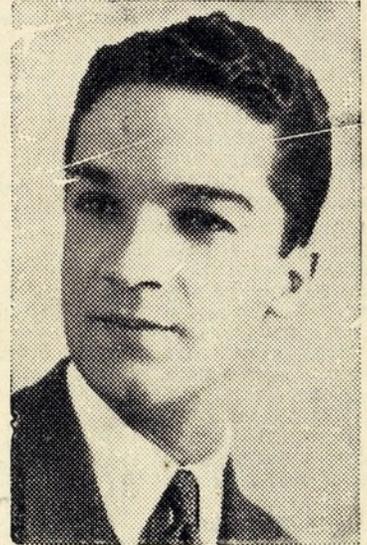
Foram votados, ainda, como o melhor filme britânico, «A lâmpada azul», recentemente apresentada no São Jorge, e «The Undeafated», que foi considerado o melhor documentário britânico.

ARTISTAS PORTUGUESES NA RADIO



MARIA DE LOURDES

depois da actuação de Amália Rodrigues, é a primeira artista da rádio contratada pela E. C. A. que se faz aplaudir nos meios parisienses



JOSÉ ANTÓNIO

o brilhante cantor que está actuando aos microfones brasileiros



MARQUES VIDAL

um dos mais antigos e competentes rádio-meus portugueses, e actual locutor do S. N. I



MARY

a locutora portuguesa que mais tem trabalhado pelo engrandecimento da rádio



**EM POUCO
TEMPO ...**

ESTUDANDO NAS HORAS VAGAS
EM SEU PRÓPRIO LAR.

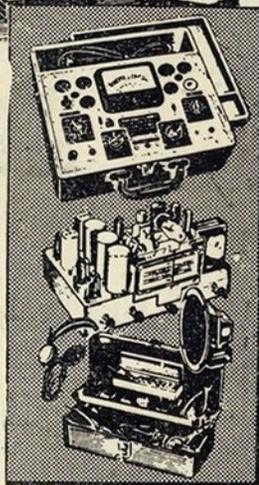
**VOCÊ PODERÁ
TORNAR-SE
UM TÉCNICO DE**

RÁDIO

TELEVISÃO — CINEMA SONORO
e demais aplicações eletrônicas

A "NATIONAL SCHOOLS" oferece
um Curso moderno, ampliado e me-
lhorado, baseado nos últimos inven-
tos e aperfeiçoamentos da técnica do
após-guerra.

EM LÍNGUA PORTUGUESA



Fundada
em 1905.

Conjuntos experimen-
tais, Ferramentas e um
Laboratório portátil
como o ilustrado acima.

Inclusive!

Peça este folheto **GRATIS**

NATIONAL SCHOOLS
4000 SO. FIGUEROA ST., Dpto. No. PRG
LOS ANGELES 37, CALIF., E.U.A

Remeta-me seu folheto gratuito sobre
RÁDIO-TELEVISÃO.

Nome _____ Idade _____

Rua _____ No. _____

Cidade _____ Província ou Estado _____





Sim, é verdade

mas, «parar e arrancar»

é um convite à **CORROSÃO**

As voltas para negócios, as compras e as visitas fazem parte da vida de V. Ex.^ª mas encurtam a vida do motor do seu carro. Quando o motor arrefece, os agentes ácidos e o vapor de água produzido pela combustão condensam-se nas paredes dos cilindros, provocando a corrosão. Os laboratórios demonstraram que a CORROSÃO é a maior causa do desgaste do motor.

Propriedades especiais do Shell X-100 Motor Oil permitem que este novo óleo neutralize os ácidos formados durante o processo de combustão e tornem o óleo aderente, formando uma película protectora sobre todas as peças do motor. Os agentes ácidos em contacto não penetram esta película. Por isso os metais assim lubrificados resistem à CORROSÃO. Deve PROTEGER o motor do seu carro.

ESVAZIE O CARTER
E ENCHA COM

SHELL

X-100

MOTOR OIL

DETERGENTE... ESTÁVEL... PROTECTOR